

CARTAS DA JUVENTUDE: A EDUCAÇÃO E A ARTE NO PENSAMENTO DO NIETZSCHE UNIVERSITÁRIO

Enock Silva Peixoto*

Resumo: Com algumas modificações, o presente trabalho é parte da tese de doutorado intitulada: *As correspondências de Nietzsche e a educação em Assim falou Zaratustra: um processo de educação-estética*. Nessa, tendo como fio condutor as correspondências que o filósofo trocou com diversos interlocutores entre 1850 até 1888, analisamos a relação entre arte e educação na filosofia de Nietzsche. Avaliaremos nas reflexões a seguir apenas o período em que o pensador alemão viveu como universitário, focalizando as contribuições que podemos extrair dessas missivas pueris para estudarmos a relação entre a proximidade da dimensão estética e formativa no pensamento do jovem Nietzsche.

Palavras-Chave: Educação. Arte. Juventude. Universidade. Estilo.

CARTAS DE LA JUVENTUD: EDUCACIÓN Y ARTE EN EL PENSAMIENTO DEL NIETZSCHE ACADÉMICO

Abstracto: Con algunas modificaciones, el presente trabajo forma parte de la tesis doctoral titulada: *Las correspondencias de Nietzsche y la educación en Así habló Zaratustra: un proceso de educación-estética*. En éste, teniendo como conductor las correspondencias que el filósofo intercambió con varios interlocutores entre 1850 hasta 1888, analizamos la relación entre arte y educación en la filosofía de Nietzsche. En las siguientes reflexiones, evaluaremos únicamente el período en el que vivió el pensador alemán como estudiante universitario, centrándonos en los aportes que podemos extraer de estas misivas infantiles para estudiar la relación entre la proximidad de la dimensión estética y formativa en el pensamiento del joven Nietzsche.

Palabras Clave: Educación. Arte. Juventud. Universidad. Estilo.

* Doutor em Filosofia (UERJ). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO (2013); Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2010) e graduado em Filosofia pela Universidade Salesiana de São Paulo (1998). Docente na Secretaria de Educação do Estado da Bahia. E-mail: enock-peixoto@hotmail.com.

1.1 Nietzsche universitário: ampliação da liberdade individual e de pensamento

Na Escola Provincial Real de Pforta, instituição localizada na região de Naumburg, cuja fase da formação juvenil correspondia ao que no Brasil denominamos de ensino básico, Nietzsche recebeu uma rígida e clássica educação; após este período, o filósofo começa a demonstrar preocupações com o seu futuro estudantil e as dificuldades de optar por uma área de estudo; depois destes estudos preliminares terminados em 1864, ingressou no curso de Filologia Clássica, na Universidade de Bonn, tendo se transferido, um ano depois, a convite do professor Wilhelm Ritschl, para a Universidade de Leipzig. Como na carta 353, à Francisca Nietzsche, de 2 de maio de 1863, esta temática e outras aparecem como o questionamento das tradições familiares e a escolha de uma profissão para ser estudada a fundo²².

Eu estou fazendo resumos da História da Literatura do século 17 de Hettner, em geral eu estudo muita história da literatura. No que diz respeito ao meu futuro, são precisamente as considerações de natureza muito prática que me preocupam. A decisão do que tenho que estudar não vem de si mesma. Por isso, eu mesmo tenho que refletir e escolher; e essa escolha é o que me produz dificuldades. É verdade que uma vez que decida o que quero estudar, minha aspiração é estudá-lo a fundo, mas a escolha tornou-se mais difícil porque temos que escolher a especialidade em que se pode obter os melhores resultados. E quão constantemente são enganosas essas esperanças! A pessoa se deixa levar muito facilmente por preferências momentâneas ou por velhas tradições familiares [...] de modo que a escolha da profissão parece um jogo de loteria, no qual muitos são os ingressos e muito poucos os premiados. No que me diz respeito, estou realmente na situação desagradável de ter um número considerável de interesses espalhados pelos assuntos mais díspares, de modo que, se eu decidir satisfazê-los, sem dúvida me tornarei um homem culto, mas dificilmente um profissional especializado.

O filósofo destaca que estudava muito história da literatura. Embora na continuidade da carta haja uma evidente demonstração de dúvida quanto ao percurso universitário que deveria tomar, ao citar os seus estudos literários, ele está indicando

²² A forma de citação que utilizaremos seguirá a numeração dos tradutores do primeiro volume das correspondências de Nietzsche: *Correspondencias I: Junio 1850 – Abril 1869. Traducción, introducción, notas y apéndices de Luis Enrique de Santiago Guervós, Editorial Trotta, Madrid, 2005. Para não sobrecarregar o texto com referência a dia, mês e ano em que as cartas foram escritas, citaremos, em alguns casos, apenas o número das entre parênteses.*

tanto para si, como para mãe, certo direcionamento: é a arte que lhe interessa. Os seus estudos particulares soam como uma voz que ecoa em direção ao caminho que deveria percorrer. É válido destacar também o embate com as tradições familiares; a carta sugere que a mãe se preocupava com a continuidade daquelas, mas o filósofo está firme no propósito de que a decisão, embora difícil, fosse estritamente sua.

Neste período, como em outros momentos da vida e pensamento de Nietzsche, a análise sobre a vida e pensamento emerge; como as constantes reflexões a partir da natureza. A carta 376 é resposta a uma missiva não conservada para Francisca e Elisabeth Nietzsche de 6 de setembro de 1863; neste momento, o filósofo celebra o outono.

Eu amo muito o outono, embora eu o conheça principalmente através de minhas memórias e meus poemas. Mas o ar é tão cristalino e mira tão intensamente da terra ao céu, que o mundo é como se estivesse nu diante de nossos olhos. Se durante um minuto posso pensar no que quero, busco palavras para uma melodia que tenho e uma melodia para as palavras que tenho, e ambas, o que tenho, não estão em harmonia, mesmo que sejam nascidas da mesma alma. Mas esse é o meu destino!

Nietzsche, nesta reflexão sobre o outono, se coloca como alguém que transmuta que se recria e abre espaço para uma nova estação. O outono como sinal de mudança é uma analogia com a própria vida que não é estática, que não é sempre a mesma, assim como aquela estação que melhor representa este aspecto mutável da natureza. Nietzsche se integra a este movimento, ele se considera outonal. O seu mérito está em construir uma filosofia, uma forma de estabelecer a sua presença no mundo, a partir dessa percepção psicológica de si mesmo e de integração desta sua particularidade com o todo. Ele transforma a sua questão em sua filosofia, qualificando e ampliando para o interesse humano mais geral um problema que poderia ser apenas seu e reduzido ao senso comum.

Na carta 400, novamente à mãe e à irmã ressurgem o interesse com considerações sobre a natureza. Parece que Elisabeth se incomodou com algo que Nietzsche escreveu a este respeito:

Acabei de perceber a coisa mais importante que tenho para lhe dizer, que ainda preciso, até o natal, dos meus certificados militares, da autorização do tutor etc. Comunique ao tio Bernhard e peça que ele me envie o mais rápido possível. Será difícil que eu possa me livrar e

tampouco eu quero - Primeiro de tudo, eu tenho que dar a minha querida Lisbete, pelo grande interesse demonstrado por estas coisas, notícias sobre a temperatura e as condições meteorológicas: estas são muito belicosas, enquanto em Gorenzen devem ser muito nebulosos. É verdade que é extremamente desagradável ouvir “uma conversa sem graça” sob a névoa; mas querida Lisbete, você acha que talvez minhas cartas sirvam para entretê-la? Uma coisa você ainda tem que aprender, não há nada que seja indigno de se tornar um objeto de conversação, ao passo que se você define como insípido o modo pelo qual eu converso, não tenho mais nada a não ser dar de ombros e pedir para que você volte e leia a carta novamente.

Esta resposta de Nietzsche partiu de uma carta não conservada e pelo que ela indica, a irmã do filósofo reclamara da “conversa insossa” e parece que o início da resposta à irmã é irônico, pois ele inicia falando exatamente de meteorologia. Mas o que interessa dentro de uma perspectiva filosófica neste pequeno embate entre os irmãos é a afirmação de que nada é indigno como assunto para uma conversação. Falar sobre o clima, o tempo frio ou solar, no qual este último era muito mais agradável para a saúde do filósofo, era algo vital, aquilo que trazia para ele um estado corporal intenso, capaz de influenciar no seu humor, na sua capacidade de trabalho e até de pensamento, eis uma das razões de sua não banalidade. Estas reflexões sobre a vida mais imediata estiveram sempre presentes, quase nunca prescindindo de uma integração com a questão artística. Como sustenta Scarlett Marton, sobre o último texto de Nietzsche publicado em vida *Ecce Homo* de 1888, no segundo capítulo deste livro: “[...] ele estabelece estreita relação entre essa condição e suas escolhas quanto ao regime alimentar, ao lugar, ao clima e aos lazeres. É à mesma lógica que submete tanto suas atitudes quanto o que chama de suas ‘escolhas.’”²³ Mas não foi apenas na maturidade que essa proximidade entre fazer determinadas opções que favorecessem a produção de reflexões intensificadoras esteve presenteem que a valorização das circunstâncias, do ambiente, dos amigos com quem se convive são determinantes para uma vida e pensamento saudáveis.

Concordamos com a argumentação de Pedro Lima Filho para quem, Nietzsche: “Tomou uma atitude afirmativa da vida que poderia ser resumida nos seguintes termos: tenho esta vida – e para fazer jus à mesma – devo vivê-la da forma mais proveitosa

²³ MARTON, Scarlett. “Fiz de minha vontade de saúde, de vida, minha filosofia...”: Nietzsche e o problema da medicina em *Ecce Homo*. In: *Revista Kriterion*, 2018, p. 898.

possível, capitalizando todas as possibilidades que nela se possa concretizar.”²⁴ Essa análise interpretativa é coerente com o seu modo de fazer filosofia, ou seja, a partir de uma perspectiva que nasce do corpo, da vida, “Nietzsche inicia uma jornada de busca do conhecimento de si e do ambiente com fins de alcançar o melhor aproveitamento de seu corpo em relação com o meio circundante”²⁵. Neste contexto, na carta 433 de julho de 1864, o filósofo faz uma saudação à música: “Às 7 da manhã tomo café com minha mãe e minha irmã, toco algo para saudar a manhã e trabalho depois.” Antes de trabalhar, que significava dar curso aos seus estudos, ele admite saudar a manhã tocando piano, demonstração clara do valor da proximidade entre arte e vida que o filósofo não se cansa de estabelecer.

A análise de Rüdiger Safranski contribui com esta avaliação: “se pode dizer que toda a filosofia de Nietzsche é a tentativa de deter [a música] na vida [...] mesmo quando a música já terminara. Nietzsche queria, tanto quanto possível, fazer música com a linguagem, os pensamentos e os conceitos.”²⁶ Postura que dirime a impressão de que a vivência, muito particular, corriqueira, pois qualquer um pode se interessar, se emocionar, se deixar envolver pela música, é apenas mais uma experiência, mas a questão que estamos salientando é o esforço em associar o interesse musical, mesmo envolto em cotidianidade com a própria feitura da filosofia.

Na Carta 435, a Rudolf Buddensieg em 12 de julho de 1864 o tema é novamente a música e o fim do texto sobre Teognis. O filósofo elabora reflexões sobre o efeito musical no ouvinte e no compositor. A excitação nervosa, ou seja, a ação direta de uma expressão de arte sobre a fisiologia humana, segundo Nietzsche, ocorre com obras bem estruturadas e que contém sentido musical. Essa discussão nascera da questão suscitada pelo amigo e Nietzsche acrescenta que além da música outras expressões artísticas conduziam a mesma sensação:

Lembre-se do efeito análogo produzido pela leitura das tragédias de Shakespeare. Como nestas, ou bem uma palavra,

²⁴ FILHO, Pedro Lima. *Correspondências de Nietzsche: Vivendo uma dieta ético-espiritual*. In: *Nietzsche e as cartas*. Org: Marina Gomes de Oliveira, Rosa Maria Dias, 1 ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019, p. 163.

²⁵ Ibidem.

²⁶ SAFRANSKI, Rüdiger, *Nietzsche. Biographie seines Denkens*. Frankfurt am Main: Fischer TaschenbuchVerlag, 2005, p. 9.

ou bem uma cena densa e emotiva, ou bem um contraste violento, despertam essa sensação; e da mesma forma obras musicais de gêneros completamente diferentes, também produzem uma impressão semelhante, uma excitação nervosa igual.

É fruto de uma decorrência física, mas não somente, há uma rica intuição que não é causada apenas pelo sentimento ou sensibilidade, mas tem origem em outra esfera cognoscente. Parece abrir um espaço inesperado, outro universo, oculto ao homem. Este é o resultado superior da arte, ser força criadora: “Não é talvez como se você abrisse um vasto espaço insuspeito? Você não tem a impressão de descobrir com seus olhos outro universo, que geralmente permanece escondido do homem”? Em um primeiro momento, ao arrogar essa excitação nervosa a uma potência quase misteriosa, pode nos levar à conclusão de que se aventa a algo externo ao mundo, mas trata-se de uma interpretação psicológica, a compreensão de que há algo corporal, impossível de acessar plenamente. A continuidade do texto acena claramente para este problema: “Você pode considerar inadequada a expressão que eu havia escolhido dois anos atrás, quando escrevi várias páginas sobre esse assunto para meus amigos; defini esse efeito como um efeito ‘demoníaco’. Se há alguma suspeita de mundos superiores, está devidamente escondida aqui.” Estes escritos, infelizmente se perderam, mas o efeito *demoníaco* talvez possa ser interpretado como aquilo que retira do lugar comum, e tem efeito criativo ao trazer à tona potências corporais que não emergem o tempo todo e só insurgem pela força da arte.

Este é o mundo que se pode chamar de superior, a arte é o caminho que eleva o homem a este tipo de transcendência, que, mesmo no Nietzsche jovem, não remete a uma supra realidade, além do âmbito imanente. A outra esfera que não esteja circunscrita à imanência do real é transcendente ao elevar o homem para forças *demoníacas* latentes nele. Efeito possível somente com a boa música. Este processo sobrevém não só com o ouvinte, mas também com o compositor; o amigo pergunta se o compositor tem sempre ou raramente este sentimento ao criar e Nietzsche responde: “Se essa impressão só se produz com boa música, ou se, de acordo com a constituição do organismo humano, apenas uma música adaptada ao seu alto nível espiritual produz tal impressão.”

O filósofo indica dois caminhos para a recepção musical. A disposição que move o compositor em determinado momento move também a sua criação. Mas do que compreender a arte como “expressão do sentimento”, parece que não é esta a questão; Nietzsche quer indicá-la como expressão de vida. Ela atualiza, torna interpretável, possível de ser lido, dentro de uma linguagem artística e não formal determinado estado de espírito.

Na correspondência 449a, a Hermann Kletschke em 31 de outubro de 1864, Nietzsche alude a algumas escolhas que foram feitas devido à orientação de Hermann, como cursar Filosofia e Teologia, participar de um evento de arte e de uma determinada aula sobre o mesmo tema. É possível que tal professor tenha percebido a vocação estética do filósofo. Além disso, ele alude aos estudos particulares, de hebraico, história da arte e da filosofia desde Kant. Notemos novamente este aspecto extremamente útil para a nossa análise de uma educação estética na formação de Nietzsche: ele fez escolhas precisas. Estudar história da arte e da filosofia, além dos estudos de línguas, era uma forma de partir daquilo que efetivamente causava interesse, além de adensar a sua formação geral.

É importante notar ainda a participação nas discussões políticas que muito interessavam ao jovem Nietzsche: “Não se deveria, como eu fiz, trazer opiniões preconcebidas sobre associações à universidade, mas cada um deveria ter em conta sua personalidade. Espero poder enriquecer-me com uma vida assim, embora, por outro lado, não queira negligenciar minha atividade científica.” O filósofo procura ampliar seus conhecimentos participando da associação política com o intuito, inclusive, de chegar à universidade tendo uma posição clara sobre o assunto. Analisemos que a consolidação de determinadas posturas passam pela experiência concreta, as opiniões devem ser baseadas no modo de ser do indivíduo, na formação de cada um e não em opiniões ditadas de fora. O valor da autonomia, do pensamento próprio emerge, mas eles não vêm do nada, provém de um real engajamento.

1.2 A música como principal fio condutor de uma formação pela arte

Na carta 455, a Francisca e Elisabeth Nietzsche, em dezembro de 1864, o filósofo alude a algumas de suas músicas e alegra-se com os efeitos que elas lhe

causavam: “E também deveis escutar nas minhas composições atuais o estado de ânimo deste trimestre. Eles são muito diversos, e fico feliz que minha alma tenha cada vez mais impulsos líricos e musicais do que antes.” Ele aponta que as composições revelavam o estado de ânimo que o movia naquele período, parece possível suster que a arte e, no caso específico em questão, a música, seria capaz de revelar as nossas mais profundas emoções. Na continuação da carta ele permanece abordando os efeitos musicais e sempre os associando à percepção fisiológica:

Recordais com que gosto passamos juntos as festividades do Natal passado em Gorenzen? Eu não disse então que dentro de um ano nós provavelmente não estaríamos mais juntos? Isso foi cumprido agora. Foi bonito em Gorenzen; a casa e a cidade sob a neve, os trabalhos noturnos, todas as melodias na minha cabeça, o tio Oskar, a pele de castor, o casamento e eu em um manto, o frio e muitas coisas divertidas e sérias. Tudo junto formava uma agradável atmosfera. Quando eu toco minha *Noite de São Silvestre*, ouço nas notas aquele ambiente.

Nietzsche cita os dias em que esteve junto da família em Gorenzen, nas bodas dos seus tios Edmund Oehler e Pauline Pfeiffer; foram momentos memoráveis e os interpreta como musicais, pois ao tocar a sua música, antes citada, ele reconhece “ouvir” aquele ambiente. Solicita que se tire uma fotografia sua e sustenta que por ela se poderia captar o seu estado: “Por isto a fotografia me representa no momento em que estou compondo, e creio que é por isso que saiu melhor; pois eu pensava e sentia algo no momento em que tiraram a foto.” Soa como uma afirmação trivial, de que a fotografia fosse capaz de capturar e transmitir determinada percepção, mas tais afirmações sugerem que a associação da música com os instintos corporais pode revelar de forma mais fidedigna os nossos sentimentos ou agir sobre eles²⁷.

Na carta 456, à mãe e à irmã em dezembro de 1864, o filósofo declara que havia enviado para a Elisabeth, em carta anterior instruções sobre as suas composições e neste momento faz indicações bem precisas de como elas deveriam ser executadas. Este é um

²⁷ O termo *instinto* contém diversas conotações, conforme comentário de Barrenechea, citando Paul Laurent Assoun (1984); na obra de Nietzsche o termo *Instinkt* e *Trieb* são geralmente usados como sinônimos. Para o comentador em questão, a interpretação que Paulo César de Souza atribui ao termo *Trieb* na Introdução da obra *Além do bem e do mal*, pode ser traduzido como impulso, ímpeto, movimento etc. Contém ainda, continua Barrenechea, conotações de cunho biológico: tais como “instinto gregário”, “instinto materno” e termina com a observação de Roberto Machado (1999) de que, além dos termos usuais instinto e impulso, a concepção de força, vontade, atividade, energia etc, são utilizadas no interior da obra nietzschiana. (Cf. BARRENECHEA, M. A. *Nietzsche e o corpo*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2009, p. 64).

trecho significativo das cartas que mostra a produção musical de Nietzsche. Ele apresenta quatro de suas composições apontando como elas deveriam ser tocadas e o estado sentimental que revelavam. Para *A criança junto à vela apagada*, de 1864, ele propõe a simplicidade e recolhimento na forma de cantar, tal como a simplicidade da música exigia. Sobre *Nachspiel*, canção também simples e, segundo ele, inspirada na mais nobre resignação, devendo ser executada com voz plena, sustentada e intensa. Notemos que quando o jovem Nietzsche fala de resignação, esta não se assemelha a nenhuma espécie de subserviência; junto à expressão advém a palavra nobre, que ele não sistematiza ainda, mas já pode ser associada à força, à combatividade: “O mesmo para a última canção, que, embora simples, é inspirada pela nobre resignação [...]”. A obra de arte deve revelar este espírito tanto em quem toca quanto em quem ouve, sendo deste modo um caminho para uma compreensão intensificadora da vida. Sobre as passagens: *Na solidão de um bosque belo e selvagem* e *E finalmente perder-me com ela*, afirma que a serenata tinha som baixo e o acompanhamento era mais difícil, embora a melodia fosse fácil de cantar, indica a irmã que a última linha de cada verso deveria ser ressaltada: “A primeira devia ser interpretada com brio, desembrulhada, engraçada, a outra, com muita paixão. Lentamente ataca a estrofe central. Em particular, você tem que trabalhar perfeitamente com o acompanhamento, se você quer que a música seja agradável.” Observemos que a execução musical deve estar acompanhada de uma execução teatral. A voz e todo o corpo devem funcionar também como linguagem para que a máxima força de comunicação artística seja transmitida. A própria arte não se manifesta como arte, independente de artifícios externos? Poderíamos perguntar a Nietzsche! É possível que ele respondesse e os músicos profissionais provavelmente concordassem com esta tese: uma bela obra, mal executada, pode perder o seu brilho não transmitindo toda a sua potencialidade. Mas o nosso interesse mais imediato é que o subjaz a toda esta preocupação do jovem Nietzsche: a própria existência no sentido mais amplo deve se aproximar de uma manifestação estética. Como viver uma vida musical? Ou uma vida estética? Este, no nosso entendimento, é o interesse do filósofo.

Relembremos que Nietzsche recebeu uma formação clássica extremamente consistente e que diante dessa formação a arte estava presente com toda proeminência, além das disciplinas que as próprias escolas ofereciam, havia o empenho no estudo da

música e da literatura, sobretudo. O filósofo teve uma grande preocupação, no final de sua educação básica em fazer algo que tivesse efeito positivo em sua vida. Neste processo de busca, na missiva 461, a Francisca e Elisabeth Nietzsche novamente o pensador manifesta o interesse pela música e a arte em geral:

Minhas vivências se limitam no último período aos prazeres da arte. Tantas e tão importantes são as coisas que ouvi em tão pouco tempo, que mal posso acreditar. No espaço de algumas semanas, os artistas mais importantes visitaram Colônia e Bonn [...]. Eu vi recentemente o genial Niemann-Seebach como Kriemhild nos Nibelungos do Pe. Hebbel. Vi três vezes a adorável FriederikeGossmann, a favorita do público de Bonn e, em particular, de todos nós, em adoráveis papéis de adolescente. O Bürde-Ney, a quem você conhece, querida Lisbeth, eu podia ouvir nos Huguenotes e no Fidelio. Sem mencionar já os belos concertos oferecidos pela sociedade coral de Bonn.

Assistir concertos, uma vida que se resume aos prazeres artísticos, poderia ser para Nietzsche algo muito louvável, mas causara em sua mãe certo descontentamento. A carta 462, novamente para Francisca e Elisabeth, no final de fevereiro de 1865 sugere que Francisca reclamou dos seus gastos com arte e por não viver de forma mais econômica e singela: “[...] minhas paixões por música e teatro são um tanto caras, enquanto gastei muito menos que outros em comida e bebida.” Salientemos, neste embate econômico familiar, aquilo que também fora revelado na carta anterior (461), o interesse pela arte; ele a entendia não apenas como entretenimento, mas como empreendimento vital, impossível de não fazer parte de sua existência. O que certamente contribuiu para a formação do seu caráter e construção do pensamento. A sua formação estética transferiu para o seu modo de fazer filosofia uma união necessária entre educação de si e arte.

Dentre estas diversas preocupações supracitadas sobre a sua profissão futura e envolvimento com a arte, o nosso autor mantinha a reflexão sobre questões filosóficas. Na carta 476, a Carl Von Gersdorff em 4 de agosto de 1865 sustenta a concepção de que não existe felicidade plena, mas esta é possível de ser medida a partir dos momentos bons que vivemos. Após passar algumas informações pessoais para o amigo, dentre as quais o seu desejo de aprofundar os estudos musicais junto com os estudos de filologia que iniciava, considera essas notícias aborrecidas e indica outras mais intensificadoras; note-se que esta intensificação está relacionada à arte: “Com a mesma insipidez te conto algumas festas em que apreciei momentos belos e felizes - a felicidade se mede em

instantes.” Notemos que se trata do Nietzsche jovem e mesmo neste momento tem concepções filosóficas que contrastam com a postura ética de Aristóteles, associada a uma concepção ética racionalistana qual, a felicidade plena se encontraria em uma vida que valoriza o aspecto mais fundamental no ser humano: a capacidade racional. A felicidade na sua essência está na propensão de guiar a conduta teoricamente. Encontrar o *meio-termo*, a harmonia entre o excesso e a falta seria o caminho ético adequado para atingir a felicidade. Embora Aristóteles clarifique que o equilíbrio não seja fixo, há nele a noção da felicidade como fim último da ação humana- a *eudaimonia*-, tendo como base “o pensar de forma racional”. Segundo o pensador grego: “[...] para o homem a vida conforme a razão é a melhor e a mais aprazível, já que a razão, mais que qualquer outra coisa, é o homem. Donde se conclui que essa vida é também a mais feliz.”²⁸ Para Nietzsche, no entanto, não há lugar essencial para a felicidade, tal como é o exercício pleno e equilibrado da razão para Aristóteles, esta acontece no fluxo, na mudança, no devir que move o real na sua constante mutação.

Associadas a essa felicidade, que se pode captar e ser medida nos pequenos instantes que a vivemos, encontramos as questões estéticas. Consideramos importante acentuar essa relação sempre constante entre vida e arte e, desse modo, é emblemática a frase: “a felicidade se mede em instantes”; ela nos coloca diante da análise sobre o sempre presente problema filosófico da felicidade. Nas cartas do período em avaliação, Nietzsche nos deixou apenas esta frase, sem elaborar longas proposições para que pudéssemos interpretar o seu sentido, mas podemos avaliar que estes instantes estão diretamente relacionados com uma vida artística. Em 30 de agosto de 1865, na missiva 478 a Hermann Mushacke, Nietzsche aborda o valor do trabalho continuado e lamenta que as atividades realizadas em Bonn não estejam sendo do seu agrado; destaca que os seus trabalhos escritos neste lugar eram muito deficientes, inclusive comparados aos que foram produzidos na escola ginásial, além de lamentar o tempo que a participação na associação lhe tomava:

No fundo, eu também não posso estar feliz com meus estudos, embora eu culpe a associação, que tem atrapalhado meus belos projetos. Apenas nestes dias eu percebo que tipo de elevação e tranquilidade benfeitora pode encontrar o homem em um trabalho contínuo e energético. Eu tive essa satisfação muito raramente em Bonn. Eu não

²⁸ ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: UNB, 1985, p. 90.

posso olhar sem ironia o meu trabalho concluído no período de Bonn, ou seja, um ensaio para a associação Gustav-Adolf, outro para a noite da associação e outro para o seminário. Horrível! Tenho vergonha quando penso nessas coisas. Qualquer um dos meus trabalhos escolares foi melhor.

Consideramos importante destacar, nesta carta, a alusão ao labor intenso que o filósofo associa a um tipo de elevação. Nietzsche não é um inimigo do trabalho, mas valoriza aquele que intensifica, aquele que, embora exigente, é realizado por escolha do autor e lhe traz possibilidade de criação. O agora estudante de filologia buscava não se render às normas vigentes, mesmo que esta escolha, a não conformidade com o comportamento geral, tenha lhe causado, durante toda a vida, diversas dificuldades. Outro aspecto merecedor de avaliação nesta carta é que Bonn não era um lugar no qual Nietzsche se sentia bem. Mais uma entre tantas demonstrações das que aparecem nas cartas, da proximidade entre ambiente e produção de conhecimento, relação humana, ambiente artístico; conforme atesta também a carta 470, para Francisca Nietzsche de junho de 1865:

Aqui temos um tempo extraordinário e também o aproveitamos. Mas Bonn é, como já lhe disse, reclamando, uma cidade absolutamente insociável. Não temos outra empresa além dos estudantes, os círculos familiares estão rigidamente fechados a tudo que não é apresentado da maneira mais formal. Mesmo entre os estudantes, um tom frio e aristocrático domina. Eu estou muito feliz que existam outros modos de vida totalmente distintos em Leipzig, onde me sinto cercado por amigos que me amam, perto de Naumburg e em meio a muitos estímulos musicais, eu me sentirei muito confortável.

Na carta 479, assim como já havia acenado antes e fará em cartas posteriores, como fizera, por exemplo, na 467, Nietzsche destaca a importância de participar de associações. Lamenta o modo disperso como os jovens se relacionavam com o conhecimento e assinala estar além do seu tempo, assim como o amigo:

Meu querido Granier, você está absolutamente certo, os homens que alguém pode amar e respeitar, ainda mais, os homens que nos entendem são risivelmente raros. Mas somos culpados por isso, chegamos ao mundo com um atraso de vinte ou trinta anos - embora talvez tudo seja apenas uma miragem que faz com que aqueles momentos de espiritualidade viva nos apareçam sob uma luz incomparável - porque nós, pobres homens, sempre nos enganamos, assim que encontramos algo belo do passado, nossa

felicidade é ilusão e os mais felizes são aqueles que se enganam mais profunda e radicalmente.

Na organização citada, o debate era sobre questões políticas e estudos de textos clássicos. O que tocava diretamente o interesse de Nietzsche, ou a intensidade e profundidade com a qual ele pretendia que as temáticas fossem abordadas, estavam muito distantes das aspirações de muitos dos companheiros de sua idade. Tanto que a carta de Granier com as reticências que este trazia às associações e ao comportamento disperso dos jovens fora praticamente abalizado pelo filósofo de Röcken. Essa questão é uma das que demonstra aquilo que afetava Nietzsche, o seu campo específico de interesse, sem alguma dúvida, caminhava em íntima proximidade com as diversas manifestações de arte com as quais ele se relacionava: a literatura, a pintura, o teatro e, sobretudo, a música. Este descontentamento fora o que fizera com que Nietzsche buscasse fundar a sua própria comunidade filológica, conforme atestam as cartas 489 e 490.

1.3 A influência de Arthur Schopenhauer e o estilo na escrita, como modos de formação pela arte

Na carta 486, para Francisca e Elisabeth Nietzsche de novembro de 1865, o filósofo destaca a expressão “cumpra o seu dever”, possivelmente advindo de advertências de ambas sobre os seus estudos. Notemos que nesta resposta há a evidente influência de Arthur Schopenhauer sobre a concepção de mundo de Nietzsche. Foi neste ano que ele encontrara em uma loja de antiguidades o livro *O mundo como vontade e representação*.²⁹ Neste livro, Schopenhauer apresenta a sua concepção metafísica. O mundo como representação se manifesta em duas partes inseparáveis: o sujeito e o objeto. O sujeito forma as representações e o objeto é o conteúdo que emerge dela. As formas existentes são como afirma Kant, aquelas do espaço e tempo; no pensamento de Schopenhauer, entretanto, divergindo da noção de fenômeno kantiana, que sustenta a

²⁹ Utilizaremos como base para as referências ao livro em questão a tradução: Arthur Schopenhauer. *O Mundo como Vontade e Representação*, Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2001. A obra do filósofo alemão Arthur Schopenhauer, publicada em 1819, foi encontrada casualmente por Nietzsche em uma loja de antiguidades em 1865 e a partir de então, passou a fazer parte constante da vida e pensamento do filósofo.

realidade como cognoscível ao homem, diferindo do *númeno*, realidade transcendente que extrapola a nossa possibilidade de apreensão.³⁰

Para Schopenhauer a esfera fenomenal é ilusória, ou seja, é mera representação, como o *Véu de maia* da filosofia oriental. A concepção de “véu de Maya” é oriunda do hinduísmo e significa: “véu da ilusão, que, ao cobrir os olhos dos mortais, lhes faz ver um mundo que não se pode dizer se existe ou não existe, um mundo que se assemelha ao sonho, à radiação do sol sobre a areia, onde, de longe, o viajante acredita ver uma toalha de água, ou ainda a uma corda atirada por terra, que ele toma por uma serpente.”³¹ O que apreendemos do objeto é mera representação do mundo, pois é o sujeito quem cria as formas subjetivas e as interpreta. Desse modo, a intuição é à base da experiência e fonte do conhecimento. Não é pela representação que adquirimos o conhecimento essencial dos seres. Elas são formas que construímos do espaço, tempo e causalidade e são construções representativas. Mas o ser humano pode ter ciência de que não está limitado ao universo das representações, o que abre espaço para o conhecimento, mesmo que parcial, da “coisa em si”, pois o homem se depara com o seu querer, ele nos aproxima da *Vontade*, a essência do mundo, o que sustenta o universo das representações. Tudo é *Vontade*, ela está em toda parte, inclusive no ser humano. Não há como fugir da *Vontade*. A angústia, a dor e o sofrimento se originam dessa incapacidade humana de suprir o constante querer, a ininterrupta “vontade de vida” que nos domina. “Todo querer se origina da necessidade, portanto, da carência, do sofrimento. A satisfação lhe põe um termo; mas para cada desejo satisfeito, dez permanecem irrealizados.”³² O suicídio, sugere o filósofo, seria um caminho, uma vez que o indivíduo toma consciência de que a vida é angústia constante e se resume em: esgotar uma série de grandes e pequenas infelicidades; mas continua o filósofo, o suicídio não desenlaça nada, ele seria a mais precisa imagem da nossa impotência, pois diante deste ato extremo prevaleceria mais uma vez o domínio da *Vontade*. “Viver é sofrer”, afirma o pensador, e a arte, sobretudo a música seria um meio para amenizar,

³⁰ O filósofo alemão Emanuel Kant (1724-1804) distingue o que denomina como *coisa em si-númeno*, do *fenômeno* (as coisas que se apresentam ao sujeito). Entende que podemos apenas conhecer a realidade tal como ela aparecesse a nós, pois não é possível conhecê-la em si mesma. Para o pensador: “O que as coisas em si possam ser, não o sei, nem necessito sabê-lo, porque uma coisa jamais pode aparecer-me de outro modo a não ser no fenômeno” (Kant, 1987; p. 332).

³¹ SCHOPENHAUER, Arthur, 2001, p. 14.

³² SCHOPENHAUER, Arthur. 2001, parágrafo 38, Livro III.

nos retirar, mesmo que temporariamente desta potência avassaladora da *Vontade* que tudo domina. Conforme o autor de *O mundo como vontade e representação*: “A arte reproduz as ideias eternas que concebeu por meio da contemplação pura, isto é, o essencial e o permanente de todos os fenômenos do mundo; aliás, segundo a matéria que emprega para esta reprodução, toma o nome de arte plástica, poesia ou música.”³³ A ascese cristã e oriental também são apresentadas como modos de apaziguar este poder da *Vontade*. A miserabilidade da existência pode fornecer, pela contemplação artística, um espaço provisório de superação.

As leituras que Nietzsche faz com intensidade mostram uma evidente mudança em sua forma de escrita. Diferente do que ocorria na fase ginásial, quando a maioria das correspondências eram curtas, e apenas encontramos acenos breves às questões filosóficas mais precisas, agora, também devido a uma maior maturidade, estas questões vêm à tona com mais profundidade. Conforme Guervós: “[...] Schopenhauer tornou-se para Nietzsche nessa referência necessária, em guia e educador, no modelo que ele precisava para ensiná-lo a buscar a verdade. Nele, ele também encontrou alguém que poderia responder a muitas de suas interrogações vitais, uma teoria que serviria de marco para poder interpretar existencialmente sua própria investigação.”³⁴

Há uma clara mudança de estilo, não se trata apenas da extensão das cartas, mas no próprio modo de abordar as temáticas. O filósofo foge constantemente do senso comum, pois escrever, mesmo no caso das correspondências é uma atividade, um trabalho sério, a partir do qual perspectivas de vida são expostas. Neste contexto, Nietzsche questiona a mãe e irmã de que elas tinham uma visão simplificada da vida, pois a única coisa clara diante de uma existência plena de contradições é que não há nada claro.

Retomando o contato de Nietzsche com Schopenhauer, a carta 493, de 31 de janeiro de 1866, demonstra a importância daquele filósofo na vida e pensamento de Nietzsche:

Cheguei a um acordo com Gersdorff para que pudéssemos nos reunir uma tarde por semana para ler o grego juntos; com ele e com Mushacke, outra noite a cada duas semanas para Schopenhauer. Este filósofo ocupa um lugar muito importante em minhas ideias e estudos,

³³ Ibidem, parágrafo 36, Livro III.

³⁴ GUERVÓS, Enrique de Santiago. In: *Friedrich Nietzsche. Correspondências I*, 2005, p. 30.

e meu respeito por ele aumenta de maneira inigualável. Também faço propaganda a favor dele [...]. Mas é algo que eu ainda usei pouco. De fato, para um autêntico saxão, vale sempre a pena dizer *primum vivere, deinde philosophari*, “primeiro viver depois filosofar”.

A última frase retirada do prólogo do livro *O mundo como vontade e representação*, mesmo após o posterior rompimento de Nietzsche com a filosofia de Schopenhauer, contribui para pensarmos o seu projeto filosófico, como formulado nessa época, mas com uma tese que terá sempre vigência na sua obra: Filosofia é, sobretudo, vida. Não são as conceituações que devem antecipar e enquadrar a vida, adequando o existir às fórmulas previamente estabelecidas, mas toda filosofia deve emergir e se desenvolver a partir da vida.

Segundo Fernando de Sá Moreira há várias faces da figura de Schopenhauer no pensamento de Nietzsche, mas neste primeiro momento, “torna-se cada vez mais forte a imagem de que Schopenhauer funciona para Nietzsche como um meio de identificação e também uma ferramenta prática para viver no mundo.”³⁵ A ótica que constitui o ponto de partida do filósofo é a própria existência; o pensamento se constrói, afirmará Nietzsche nas suas obras posteriores, a partir de determinadas perspectivas sobre ela, dos modos como um corpo se situa no mundo e o pensa a partir de suas forças intensificadoras ou decadentes.

Na carta 500, a Carl Von Gersdorff de abril de 1866 e outras do período, o nosso autor destaca a sua dedicação para escrever um trabalho sobre o poeta grego Teógnis de Magara (século VI a.C). Esse é um dado importante na sua produção, pois foi o primeiro trabalho formalmente publicado pelo jovem Nietzsche. Conforme Andreas Urs Sommer: “Ali Nietzsche apresenta o poeta do período arcaico tardio como “um junker de formação refinada, com paixões junkerianas”, que com seu ‘ódio mortal ao povo emergente’, ao modo de uma ‘contorcida cabeça de Janus’ posicionou-se na fronteira entre o antigo e o novo.”³⁶ Dentre os aspectos presentes na mencionada carta, destaquemos a tempestade, pois ela é força bruta da natureza e subjaz ao pensamento.

³⁵ MOREIRA, Fernando de Sá, 2016, p. 140.

³⁶ SOMMER, Andreas Urs. *O que Nietzsche leu e o que não leu*. In: Cadernos Nietzsche vol.40 nº1. São Paulo Jan./Apr. 2019.

Vemos o esforço de Nietzsche em formular a difícil tarefa de elaborar um pensamento desprovido de conceitos estáticos:

Minhas distrações, apesar de raras distrações, são três: meu Schopenhauer, a música de Schumann e, finalmente, as caminhadas solitárias. Ontem houve uma tempestade impressionante no céu, subi rapidamente para uma montanha próxima chamada “Leusch” [...]. O temporal descarregou violentamente com a tempestade e o granizo. Senti um entusiasmo inigualável e entendi claramente que só podemos entender a natureza quando somos forçados a nos refugiar de nossas preocupações e de nossos tormentos. O que era para mim o homem e seu querer insaciável? O que foi para mim o eterno “deves”, “não deves”? Quão distintos o raio, a tempestade, o granizo; poderes livres, antiéticos! Quão felizes e quão poderosos eles são, pura vontade, sem serem perturbados pelo intelecto!

Alusão à força bruta da natureza que não está limitada pelos valores humanos, ela apenas age, se manifesta e Nietzsche a classifica como feliz, *pois é pura vontade, imperturbada pelo intelecto*. O filósofo considera a música, a filosofia e a caminhada como distrações. No entanto, elas sempre foram produtoras de reflexões. A arte, a literatura e o ar livre contribuíram para elaborar formulações válidas em sua criação filosófica, com as quais ele se relacionava com prazer. A tempestade fez com que pensasse sobre a perenidade da vida e de como é a natureza na sua manifestação mais bruta e totalmente isenta dos valores morais. Dos deveres que estabelecemos para vivermos demonstra como tão inadequadas são estas interpretações dominadas pela influência lógico-racional, ou seja, a predominância de um modo formal e abstrato de sentir e interpretar o existir. A natureza em seu estado mais agressivo é a própria potência da vida se desvelando e mostrando que o pensamento pode ser construído neste complexo embate.

Nietzsche escreve na carta 510, a Wilhelm Pinder de 5 de julho de 1866, sobre a sua preocupação com a guerra; com o alistamento militar; com a eleição parlamentar. Ele acabou sendo chamado, posteriormente, para servir como soldado, mas o que chama a atenção nesta carta é a forma como concebe o conhecimento. O estudo é compreendido, também, como um instrumento de combate:

Além disso, atendemos o país com nossos estudos; ela exige de si mesma isto ou aquilo, contribuições físicas ou espirituais. Mas cada um dá o melhor que tem: “portanto amando”, como diz Hölderlin, “o ser mortal dá o melhor que ele tem”. Portanto, não vamos ficar

irritados, porque estamos em casa, enquanto jovens capazes de portar armas recebem decorações manchadas de sangue.

O estudo é visto como contribuição espiritual, ao mesmo tempo em que o pensador traça críticas à guerra por esta obrigar os seus jovens à violência, também destaca que os tempos sombrios da guerra são momentos privilegiados de aprendizado: “Pode-se aprender muito durante estes tempos. O solo que parecia firme e sólido oscila; as máscaras caem dos rostos. Inclinações egoístas mostram abertamente seu rosto feio. Mas, primeiro de tudo, vemos quão fraco é o poder do pensamento.” A alusão à perenidade e instabilidade de uma guerra é associada por Nietzsche à fraqueza do poder do pensamento. Muito possivelmente porque, diante de um embate belicoso, todas as nossas certezas são colocadas à prova. Ainda, de modo incipiente, o filósofo está apresentando as avaliações presentes em outros momentos de sua produção filosófica, que denominou a *história de um preconceito*: aquele de atribuir ao pensamento racional a capacidade de criar interpretações seguras sobre a realidade.

Carl von Gersdorff, como consta na carta 517, do final de agosto de 1866, recebe uma admoestação de Nietzsche. Esse último, influenciado por Schopenhauer, alude à idade fértil para a produção abordando a necessidade de experiência e exercício na filologia, mas também acena para o valor de *buscar, combinar, deduzir*; ou seja, admite que o conhecimento exige dedicação, esforço, mas estes devem estar alinhados a outras forças que não são apenas racionais. *Deduzir, buscar* parece estar mais no campo da intuição do que da lógica. O aprendizado contínuo e adquirido por longo tempo é valorizado:

Nossos estudos filológicos, no entanto, têm a particularidade de que para reconhecer algo novo neles, para encontrar um método viável, certa erudição e uma rotina são necessárias ao mesmo tempo, isto é, experiência e exercício [...]. Portanto, devemos ter aprendido muito e assimilado muito, mas, ainda muito mais, buscado, combinado e deduzido.

Estar aberto às potências intuitivas, às emoções, pensar para além da técnica, inventar, este é o horizonte que o filósofo propõe, é preciso valorizar o nosso lado inovador. Muito possivelmente, este debate se situa diante da demasiada formalidade com a qual a filologia estava envolvida. Essa característica a distanciava da questão

fundamental da qual o conhecimento não poderia se afastar que é a proximidade com a vida.

Na Carta 538, a Carl Von Gersdorff em 20 de fevereiro de 1867, após abordar questões políticas, Nietzsche faz uma análise sobre o destino desconsiderando o equívoco de grande parte dos homens que atribuem a este um propósito, ou seja, que os sofrimentos e desgraças teriam uma razão de ser. Essa postura do homem devoto, sugere Nietzsche, não deveria ser assumida por homens como eles: “Mas cabe a nós usar e, por assim dizer, explorar a fundo cada acontecimento, os pequenos e grandes infortúnios, para melhorarmos e sermos mais eficazes.”

Os acontecimentos podem ser analisados sobre a perspectiva da vida e serem fonte de reflexão e crescimento, não de aceitação passiva, não há força externa com a qual deveríamos atribuir efeitos de uma causa boa ou má. “Nós temos que usar o destino intencionalmente: pois os eventos são em si mesmos e para si mesmos conchas vazias”; somos nós que precisamos oferecer significado aos acontecimentos, eles não têm valor em si. O destino humano está no modo como nos colocamos diante do mundo: “O que conta é a nossa atitude para com eles: para nós, um evento tem exatamente o valor que lhe atribuímos.” Trata-se de uma afirmação totalmente contrária a qualquer concepção identitária, mas surge de uma filosofia que valoriza a liberdade a partir da qual o ser humano deve assenhorar-se até traçar a sua existência não pautada pelas diversas forças externas que constantemente o afetam.

Em carta a Paul Deussen, em 4 de abril de 1867, novamente é acentuado o valor da escrita como manifestação artística. O filósofo comenta sobre os seus estudos e faz a curiosa e relevante asserção sobre o ato de redigir: “As cartas são precisamente imagens subjetivas de um estado de ânimo.” Destaca que as correspondências deveriam revelar um determinado estado mental em que os indivíduos se encontram. Escrever, desse modo, mostra em alguma medida aquilo que se é. Logo, em seguida, relata como elabora os seus trabalhos e a condição subjetiva que o movia na execução: “Meu trabalho sobre Laércio, o colocarei por escrito durante estas semanas. Minha pretensão esta vez é não deixar que apareça tão claramente o esqueleto lógico tal como faço em meu estudo sobre Teógnis.” O autor das *Cartas* apresenta a necessidade de uma escrita

menos formal, como ocorrera no seu trabalho anterior e acrescenta: “Isto é certamente muito difícil, ao menos para mim.”

O que ele pretende é mostrar que escrever deve ser um ato artístico, a relação com o conhecimento e a informação deve ser revestida de arte: “Eu gostaria de fornecer uma vestimenta artística para este gênero de coisa.” Admite que, por muito tempo, cultivou um “estilo pesado”; mas se esforçara naquele momento em superar essa limitação: “Além disso, evito tudo o que posso, a erudição desnecessária. Isso também custa muito autocontrole. Domínio de si mesmo.” Sobre a tensão de Nietzsche com a filologia, Roberto Machado comenta: “Assim, o princípio que possibilita a crítica nietzschiana da filologia é que esta não é uma ciência autônoma, devendo estar em constante interação com a arte e a filosofia. Uma filologia puramente científica nos faz perder o ‘verdadeiro perfume’ da Antiguidade.”³⁷

Nietzsche está certamente em embate com o demasiado formalismo, entretanto, não se tratava de uma afirmação da mediocridade como escritor, mas da difícil tarefa de tornar claro, límpido, algo complexo, tanto que anteriormente ele acenara que essa não era tarefa simples: “Uma exposição rigorosa das provas, expostas de maneira fácil e agradável, evitando ao máximo toda essa seriedade opressiva e essa erudição rica em citações, que custa tão pouco: é o que eu quero.” O rigor é necessário na pesquisa, mas precisa de leveza, inclusive alude ao local onde o conhecimento é produzido: “O mais difícil é sempre poder estabelecer em conjunto as conexões fundamentais, em uma palavra, a planta do edifício. Este é um trabalho que geralmente é feito melhor na cama e em caminhadas, do que na mesa de estudo.” A elaboração de uma filosofia diretamente relacionada com a postura corporal do autor, talvez alguém com uma visão do “pesquisador sério” possa desdenhar ou minimizar o valor dessa proposta de Nietzsche. Mas ela é carregada de teor psicológico e existencial; o ar livre das caminhadas, a postura mais relaxada em uma cama são relações diretas com um corpo que pensa, são posturas leves e podem conduzir a pensamentos também leves. O que não desfaz o esforço para escrever com clareza. A carta 540, a Carl von Gersdorff de 6 de abril de 1867 continua o tema sobre o estilo na escrita.

³⁷ MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a polêmica sobre o Nascimento da tragédia*. Introdução e organização de Roberto Machado; tradução do alemão e notas de Pedro Süsskind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 15 (introdução).

Eu perco as vendas dos olhos: vivi muito tempo em uma espécie de inocência estilística. O imperativo categórico “deves e tens que escrever” me despertou. Comecei a procurar o que nunca havia procurado fora do instituto de bacharelado: escrever bem e, de repente, a pena desaparece em minhas mãos. Eu não podia e isso me irritou. Além disso, as regras estilísticas de Lessing, Lichtenberg e Schopenhauer ressoaram em meus ouvidos. Para mim foi sempre um conforto que estas três autoridades afirmassem em uníssono que é difícil escrever bem, que nenhum homem tem um bom estilo, por natureza, e que para conquistá-lo é necessário trabalhar e perfurar a dura madeira. Eu realmente não gostaria de voltar a escrever de uma maneira tão seca e rígida como um espartilho lógico, como tenho feito, por exemplo, no meu artigo sobre Teógnis [...]. Primeiro de tudo o que deve tornar-se um gatilho no meu estilo [...], eu preciso aprender a usá-lo como um teclado, porém, não como peças já aprendidas, mas como fantasias livres, tão livres quanto possível, porém, sem perder a lógica e beleza.

Nietzsche concebe o ato de escrever como um imperativo: “deves e tens que escrever”. O consolo e incentivo de grandes autores ao acenarem para a dificuldade de se criar um estilo e deste ser construído com muito esforço mostraram ao filósofo a densidade dessa atividade; ele destaca a preocupação com a escrita leve, que não se perde na erudição vazia. O pensador faz uma interessante analogia entre a escrita e a música, afirma que gostaria de redigir como se usa um teclado, com liberdade, mas sem perder a lógica e a beleza. Não se trata de uma escrita irresponsável, desconexa, produzida perante determinados padrões, no entanto, pautada no aspecto artístico. O autor está se referindo ao que define como ciência que é o estudo da filologia, demasiado metódico, marcado por inúmeras citações, com pouco espaço para o desenvolvimento de pensamentos próprios.

Neste contexto crítico, em carta a Hermann Mushacke (carta 541) em 20 de abril de 1867, Nietzsche lamenta o seu estilo alemão e a sua escrita pesada que precisava ser ajustada:

Desde então, propus-me a elaborar o meu ensaio sobre Laércio com muito cuidado só em alemão antes de traduzi-lo para o latim, também preciso resolver esses problemas de estilo. Quando alguém está no instituto de bacharelado, escreve-se, como se sabe, sem qualquer estilo; como estudante, nunca se tem a oportunidade de se exercitar; o que está escrito são cartas, portanto, desabafos subjetivos, que não têm qualquer exigência de uma forma artística. Então, chega um momento em que nos tornamos conscientes de que somos uma tábula rasa em relação às artes estilísticas, é o que acontece comigo agora [...].

Em todo este embate com a escrita alheia e com a própria está presente a relação artística com o conhecimento. Para o filósofo, criar um estilo significa redigir artisticamente, aprimorar o modo de comunicação para que este não seja uma erudição fria e distante da vida, mas vibrante, capaz de comunicar para além das letras escritas. Para Guervós, Nietzsche se preocupava com que as frases: “cantassem como se fossem música e que suas palavras se movessem como em uma dança.”³⁸ O ato de redigir também deveria ser um modo de comunicação estética, adjacente à expressão musical. A proximidade com a filologia que emergia na vida de Nietzsche de modo mais profissional começa com tensão, pois ele observa logo uma literatura desprovida de beleza, preocupada apenas com aspectos objetivos, científicos, sem vestir essa linguagem com a dimensão da beleza. Esse acontecimento mostra que o embate posterior da *polêmica sobre o nascimento da tragédia* tinha as suas bases firmadas em uma vida que não prescindia de uma perspectiva estética, em todos os campos possíveis, inclusive na atuação do trabalho efetivo de filólogo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: UNB, 1985.

ASSOUN, Paul Laurent. *Freud y Nietzsche*. Tradução O. Barahona; U. Doyhamboure. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.

BARRENECHEA, Miguel Angel de. *Nietzsche e o corpo*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2009.

FILHO, Pedro Lima. *Correspondências de Nietzsche: Vivendo uma dieta ético-espiritual*. In: *Nietzsche e as cartas*. Org: Marina Gomes de Oliveira, Rosa Maria Dias, 1 ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.

GUERVÓS, L. E. de Santiago. *Arte y Poder. Aproximación a la estética de Nietzsche*. Madrid: Trotta, 2004.

³⁸ SANTIGO GUERVÓS, L. *Arte y Poder. Aproximación a la estética de Nietzsche*. Madrid: Trotta, 2004, p. 522.

JANZ, Paul Curt. *Friedrich Nietzsche*. 4 vols. Trad. Jacobo Muñoz. Madrid: Alianza, 1987.

KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Trad. Valerio Rohden e Udo Balduro Moosburger. São Paulo: São Paulo: Nova Cultural, 1987.

KURY, Mario da Gama. *Dicionário da filosofia grega e romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a polêmica sobre O nascimento da tragédia / textos de Rohde, Wagner e Wilamowitz-Mollendorff; Introdução e organização Roberto Machado; tradução do alemão e notas de Pedro Sussekind*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

MARQUES, Antonio. “No fundo sou todos os homens da história”: *Nietzsche: Os vinte anos fundamentais a partir de suas cartas*. Círculo de Leitores, 1996.

MARTON, Scarlett. “Fiz de minha vontade de saúde, de vida, minha filosofia...”: *Nietzsche e o problema da medicina em Ecce Homo*. In: *Revista Kriterion*, 2018.

MOREIRA, Fernando de Sá. *Contribuições ao estudo das cartas de Nietzsche: Análise e levantamento de possibilidades a partir do caso Schopenhauer*. *Revista Estudos Nietzsche*, Espírito Santo, v.7, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. *Digitale Kritische Gesamtausgabe von Nietzsches Werken und Briefen*. Edição organizada por Paolo D'Iorio, baseada na edição crítica de G. Colli e M. Montinari e publicada pela Nietzsche Source. Edição eletrônica. Acesso em 01/04/2020.

_____. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

_____. *Além do bem e do mal*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia

_____. *Sobre os nossos estabelecimentos de ensino. Escritos sobre educação*. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo, Loyola, 2003.

_____. *Correspondencias I: Junio 1850 – Abril 1869. Traducción, introducción, notas y apéndices de Luis Enrique de Santiago Guervós*, Editorial Trotta, Madrid, 2005.

_____. *Correspondencia II: abril de 1869 – dezembro de 1874. Traducción y notas a las cartas de José Manuel Romero Cuevas y Marco Parmeggiani. Introducción y apéndices de Marco Parmeggiani*. Editorial Trotta, Madrid, 2007.

_____. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Richard Wagner em Bayreuth. Quarta consideração extemporânea*. Tradução de Anna Hartmann Cavalcanti. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2009.

_____. *Assim falou Zaratustra, um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mario da Silva. 18ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche: biografia de uma tragédia*. Tradução de Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

_____. *Nietzsche. Biographie seines Denkens*. Frankfurt am Main: Fischer TaschenbuchVerlag, 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e Representação*. Tradução: Jair Barbosa. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2001.